

**D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS (1948-2017),
bispo do Porto**

pastor afável, generoso. Papa Francisco



morreu-nos o bispo...!

Morreu um amigo

Carta aberta a D. António, bispo do Porto.

CARO D. ANTÓNIO, percorro as nossas memórias e pela primeira vez deixas-me mal. Dizemos que és um homem bom. É verdade. Pura verdade. Mas é pouco. Entre pensamentos comovidos, surgiu-me um que me rasgou o sorriso e que faz justiça à tua bondade e ao teu modo de ser pastor. O Papa Francisco diz-nos que quer que sejamos pastores com odor a ovelhas. Pois deixa-me dizer-te: da próxima vez que estiver com o Papa Francisco dir-lhe-ei que conheci um bispo que deixou as ovelhas com odor a pastor.

Procuro luz e consolação na Palavra de Deus e ocorre-me aquela passagem do Evangelho segundo S. João em que Maria unge os pés do nosso Senhor com nardo puro e a casa encheu-se com a fragrância do perfume. Encontro amigos, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e personalidades da nossa sociedade, e quando falamos de ti lá está a fragrância desse perfume que a tua morte libertou. Confirmam-se as palavras do Mestre: “Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto”. (Jo 12, 23).

A tua passagem pela Arquidiocese deixou marcas indeléveis e profundas no coração dos fiéis. A tua inteligência lúcida e conselho amigo e competente foram sempre uma ajuda inestimável no meu exercício como pastor. Os sacerdotes recordam-te com carinho e profundo sentimento de gratidão. A tua memória prodigiosa e cheia de afecto não conhecia limites a mais um nome, um aniversário, uma história. O teu sorriso abriu corações, mitigou conflitos, encurtou distâncias. O teu olhar penetrante e límpido espelhava o coração de um homem inteiro. A tua morte aumentou a saudade que já sentíamos. Olhando para a tua inteligência, considero-te um homem com senso profundo das coisas; olhando para o teu coração, recordar-te-ei como pastor de consensos onde o amor unia numa cumplicidade que o tempo não conseguirá destruir.

D. António, desde Segunda-feira que procuro um modo da Arquidiocese dizer obrigado pelo tanto que nos deste. Até que li a tua última homilia e encontro a homenagem perfeita, dar corpo ao teu sonho: “construir uma Igreja bela, como uma casa de família”. Recordando-te, prosseguiremos na responsabilidade de dar beleza à Arquidiocese através de um envolvimento de todos, particularmente dos mais frágeis, no amor infinito de Deus. A casa do Pai, onde agora moras, é a mesma casa onde ainda trabalharemos por um Reino de fraternidade e justiça.

Até ao dia do nosso encontro.

D. António, obrigado por tudo.

D. Jorge Ortiga,

Arcebispo Primaz

na Visitação do Bispo António à Serra do Pilar (15/11/2015)



«Reunidos à volta do altar e frente ao círio pascal, que é uma luz pequenina que ilumina o nosso caminho e que é a luz de Cristo; reunidos para ouvirmos a Palavra de Deus, para testemunharmos o calor do nosso coração, sentiremos que somos frágeis e pecadores mas também que é sempre um bem maior a força e a grandeza da misericórdia, da ternura, da bondade e do amor de Deus».

D. António Francisco dos Santos,
na igreja da Serra do Pilar, 15 de Novembro de 2015.



morreu-nos, ainda, outro amigo:

Pe. José Maria Cabral Ferreira, sj



Zé Maria Cabral, presbítero jesuíta

Conheci-o uns anos atrás, pouco menos que 50. Formei com ele um dueto de pregadores distribuídos pela cidade do Porto. Era o pós-Concílio.

Mais tarde, estava já eu na Serra do Pilar, ele ouviu dizer..., pôs-se a caminho e, sempre que podia, vinha cá. Encantava-o a Liturgia.

Isto em tempos de paz ou de convulsão..

Quando, em 92, eu fui para Espanha, ele tomou como ajuda o que fosse necessário e possível. Era um gosto o seu tom de presidente da celebração dominical! E uma riqueza o seu dizer, que sempre chegava mal ao microfone!

Aquelas ricas conversas ao domingo... Ainda não havia café!

Com o tempo, começámos a perceber que a memória se lhe ia. E paulatinamente, sem darmos conta, ele se escondia.

Percebi agora que entendeu deixar-se apagar em paz e longe.

Zé, "a morte na morte se termina", como escreveu Echevarría.

Arlindo, presbítero

José Maria Cabral Ferreira, sj

(Porto, 10-02-1933 – Lisboa, 14-09-2017)

O Padre José Maria tinha 84 anos de idade, 65 dos quais na Companhia de Jesus. Era padre há 54 anos. Atento ao mundo, deixava-se inquietar pela realidade e procurava transmitir essa mesma inquietação àqueles com que se foi cruzando, especialmente os seus alunos. Conjugava o seu sentido crítico com a delicadeza no contacto pessoal.

Nasceu na freguesia de Miragaia, cidade do Porto, fez os estudos secundários no Instituto Nun'Alvares, seguindo depois para o Instituto Superior de Agronomia no Porto, onde não chegou a completar os estudos. Manteve sempre um forte sentido de pertença à sua cidade.

A sua entrada para a Companhia de Jesus aconteceu em 1951, tendo ingressado na comunidade de Soutelo, onde fez o noviciado e o juniorado, seguindo depois para a Faculdade de Filosofia em Braga.

O tempo de magistério foi feito no Colégio Apostólico da Imaculada Conceição, em Cernache, e na escola onde estudou, em Santo Tirso.

Prosseguiu os estudos superiores de Teologia, em Granada, entre 1960 e 1964, sendo ordenado sacerdote no dia 23 de junho de 1963. A sua última etapa da formação como jesuíta, a chamada “terceira provação”, foi feita em Córdova, Espanha. Foi depois para Roma, onde se licenciou em Ciências Sociais.

Regressando a Portugal em 1968, ficou um ano em Lisboa, na Casa da “Pedagogia e Missão”, tendo sido assistente da Nacional dos Antigos Alunos. No ano seguinte, foi colocado como professor na Faculdade de Filosofia de Braga. A partir de 1970, começou também a lecionar Sociologia no Instituto de Serviço Social do Porto e na Faculdade de Filosofia de Braga. Deu também aulas de Sociologia e Antropologia na Faculdade de Arquitetura do Porto.

Em 1975, foi nomeado para a Comissão de Planeamento da Zona Norte de Portugal, onde trabalhou como técnico da área da sociologia.

Durante alguns anos coordenou a Comissão do Apostolado Social da Província Portuguesa dos Jesuítas.

Fascinado por Malaca, escreveu em 1996, juntamente com João Pedro de Campos Guimarães, o livro *"O Bairro português de Malaca"*.

Paz à sua alma!

“Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus.” (Fl 2, 5)

a morte segundo Saramago

O fim da vida foi tema de vários romances e textos introspectivos do Prémio Nobel. O escritor José Saramago conhecia a inevitabilidade da morte, mas trabalhou literariamente os vários trocadilhos possíveis sobre a única coisa certa que a humanidade tem

Ainda criança, na aldeia da Azinhaga, ouviu a avó a fazer um comovedor elogio à vida. 'O mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer.' Assim mesmo. 'Eu estava lá', conta Saramago no livro *As Pequenas Memórias*. A avó, 90 anos 'e o fogo de uma adolescência nunca perdida', estava sentada na soleira da porta, 'aberta para a noite estrelada e imensa'.

O jogo da vida e da morte, com Deus muitas vezes também a entrar na partida, está bem presente na obra de José Saramago. 'De Deus e da morte não se tem contado senão histórias', dizia o autor de *Levantado do Chão*. A morte, a palavra morte, que andarilha por muitas páginas da densa prosa, emerge também no título de dois dos seus romances: *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *As Intermittências da Morte*. Esta última obra, grande metáfora da vida e da morte, Saramago abre com a frase, 'no dia seguinte ninguém morreu'. A partir de um Janeiro, num determinado país, ninguém mais morreu. Mas, como viver sempre também cansa, a dada altura, a morte, através de carta, retoma a regras antigas do mundo. Retomou os seus implacáveis poderes: 'A partir da meia-noite de hoje se voltará a morrer tal como sucedia, sem protestos notórios.'

Saramago não contará mais histórias sobre a morte. Mas as palavras que nos deixa são 'o viático, o salvo-conduto, graças ao qual', agora que chegou a hora, se libertará do silêncio mais profundo.

Agora pode subscrever gratuitamente as nossas newsletters e receber o melhor da atualidade com a qualidade *Diário de Notícias*.

'Mas a imagem que não me larga nesta hora de melancolia é a do velho que avança sob a chuva, obstinado, silencioso, como quem cumpre um destino que nada poderá modificar. A não ser a morte. Este velho, que quase toco com a mão, não sabe como irá morrer. Ainda não sabe que poucos dias antes do seu último dia terá o pressentimento de que o fim chegou, e irá, de árvore em árvore do seu quintal, abraçar os troncos, despedir-se deles, das sombras amigas, dos frutos que não voltará a comer. Porque terá chegado a grande sombra, enquanto a memória não o ressuscitar no caminho alagado ou sob o côncavo do céu e na eterna interrogação dos astros. Que palavras dirá então?'

'Então ela, a morte, levantou-se, abriu a bolsa que tinha deixado na sala e retirou a carta de cor violeta. Olhou em redor como se estivesse à procura de um lugar onde a pudesse deixar, sobre o piano, metida entre as cordas do violoncelo, ou então no

próprio quarto, debaixo da almofada em que a cabeça do homem descansava. Não o fez. Saiu para a cozinha, acendeu um fósforo, um fósforo humilde, ela que poderia desfazer o papel com o olhar, reduzi-lo a uma impalpável poeira, ela que poderia pegar-lhe fogo só com o contacto dos dedos, e era um simples fósforo, o fósforo comum, o fósforo de todos os dias, que fazia arder a carta da morte, essa que só a morte podia destruir. Não ficaram cinzas. A morte voltou para a cama, abraçou-se ao homem e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu.'

'(...) E os homens avançaram para o terreno revolvido, com carros de mão e pás, enchendo aqui, no monte, despejando além, na encosta para Mafra, ao passo que outros homens, de enxada ao ombro, desciam aos caboucos já fundos, neles desapareciam, enquanto mais homens lançavam cestos para dentro e depois os puxavam para cima, cheios de terra, e os iam despejar afastadamente, aonde outros homens iam por sua vez encher carros de mão, que levavam no aterro, não há diferença nenhuma entre cem homens e cem formigas, leva-se isto daqui para ali porque as forças não dão para mais, e depois vem outro homem que transportará a carga até à próxima formiga, até que, como de costume, tudo termina num buraco, no caso das formigas lugar de vida, no caso dos homens lugar de morte, como se vê não há diferença nenhuma.'

'(...) Nenhum condenado à cadeira eléctrica, ou à forca, ou à guilhotina, ou ao garrote, ou à fogueira, terá dado voz de acção para ligar a corrente, ou abrir o alçapão, ou soltar a lâmina, ou girar o parafuso, ou riscar o fósforo, talvez por não terem estas mortes dignidade, incluindo as de mais longa tradição na arte, talvez por faltarem nelas o factor militar, a instituição das armas, onde tão mais de costume faz ninho o heroísmo, que mesmo quando o condenado não passava de vulgar paisano as balas que recebeu no peito procederam como resgate da mediocridade e foram o viático, o salvo-conduto, graças ao qual lhe virá a ser permitido, quando chegar a hora, entrar no paraíso dos heróis.'

'E nós, portugueses, que poeta devermos ir buscar a França, se lá nos ficou algum, Que eu saiba, só o Mário de Sá Carneiro, mas esse nem vale a pena tentar, primeiro, porque não havia de querer vir, segundo, porque os cemitérios de Paris são lugares bem guardados, terceiro, porque tendo passado tantos anos depois que morreu, a administração duma capital não cometeria os erros duma comuna de província que, ainda por cima, tem a desculpa de ser mediterrânica, Além disso, de que serviria tirá-lo dum cemitério para o pôr noutra, uma vez que em Portugal não há-de ser autorizado enterrar os mortos fora do sítio, ao ar livre. Nem os ossos dele ficariam quietos se os deixássemos à sombra duma oliveira no Parque Eduardo VII.'

'Enquanto andava, ia pensando que ali eu não era eu, que o meu corpo ficara morto virado ao mar, no alto da arriba, e que o mundo estava todo cheio de sombras e confusão. A noite apanhou-me na margem do rio, com uma cidade diante que eu não reconhecia, como as torres ameaçadoras dos pesadelos. Ainda hoje, tantos anos passados, me pergunto que vulto de mim terá ficado disperso na brancura das areias ou imobilizado em pedra na arriba cortada pelo vento. E sei que não há resposta.'

Francisco Mangas

<http://www.dn.pt/dossiers/gente/jose-saramago/perfil/interior/a-morte-segundo-saramago-1598883.html>

media vita

I

*A morte na morte se termina.
E amamos na esperança que a alimenta
não a transparente ferramenta
mas a alma que passa e se ilumina.*

*Porque estarmos na morte nos designa.
E a própria virtude que a sustenta
nela se afirma e nos ensina
a iluminar também a ferramenta*

*por onde a alma se ilumina e passa.
E estar na morte segue o seu destino
de saber que por esta morte baça*

*ir à morte é lermo-nos num signo
que se acende somente, repentino,
quando lermos é lido em obra e graça.*

Fernando Echevarría (n. 1929),
in **Media Vita** (1979).